



DIAGNÓSTICO JUVENIL: Os Jovens em Évora entre os 15 e os 29 anos

Sumário Executivo

ENQUADRAMENTO

Traçar o Diagnóstico Juvenil do Concelho de Évora enquadra-se no propósito mais amplo de elaboração, por parte da Câmara Municipal de Évora, de um Plano Municipal de Juventude, documento que visa, por um lado, responder aos diversos desafios que se colocam à juventude; por outro, planejar o desenvolvimento e implementação de políticas de juventude mais inovadoras de carácter global e transversal, que facilitem recursos e serviços que permitam aos jovens alcançar uma plena cidadania.

A elaboração deste diagnóstico contou com a colaboração de uma equipa multidisciplinar, composta por investigadores afetos ao Departamento de Matemática e Centro de Investigação em Matemática e Aplicações e ao Departamento de Sociologia e Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade de Évora, os quais trabalharam em estreita articulação com os técnicos superiores da Divisão de Juventude e Desporto da autarquia.

Este sumário executivo sintetiza os resultados obtidos na terceira e última fase de elaboração do diagnóstico juvenil com a realização de grupos focais desenhados com o objetivo de contrastar práticas e representações dos jovens, recolhidas através dos inquéritos por questionário, com as de quem convive, trabalha e pensa quotidianamente a juventude e os jovens em várias áreas de

planeamento e ação. Foram realizados três grupos focais, tematicamente orientados à discussão de questões relacionadas com (1) sociabilidade, práticas, vivências e comportamentos de riscos, (2) ensino e educação e (3) trabalho, emprego e autonomia. Adicionalmente nesta fase foram realizadas novas análises estatísticas, considerando a amostra global dos jovens inquiridos. Com base nestes dados agregados traçam-se alguns perfis, estudam-se e projetam-se longitudinalmente alguns dos resultados.

OBJETIVO

O objetivo geral do estudo foi realizar um retrato dos jovens, entre os 15 e os 29 anos, que residem, estudam ou trabalham no concelho de Évora, através da recolha de informação relevante, sobre os perfis sociodemográficos, os modos de participação e inserção nas esferas da educação e trabalho, as práticas socioculturais e de intervenção cívica em que estão envolvidos, os comportamentos de risco que adotam, a satisfação que apresentam com a vida e as ideias que têm relativamente ao futuro.

Sabemos que o desafio de construir o Plano Municipal de Juventude é enorme. Mas, sabemos também que conhecer é fundamental para planejar. Por detrás deste esforço conjunto permanece o intuito de contribuir de forma cientificamente informada para a elaboração do Plano Municipal de Juventude de Évora.

RESULTADOS

I. Para um Plano Municipal de Juventude apoiado nos questionários: questões colocadas, respostas obtidas

A caracterização dos jovens inquiridos nas 6 dimensões cobertas nos questionários aplicados em contexto escolar e ambiente *web* foi sintetizada nos sumários executivos anteriores para 4 grupos de jovens: estudantes do ensino secundário, estudantes na Universidade de Évora, trabalhadores e desempregados. Nesta fase do estudo agregamos todos esses dados numa amostra global de jovens entre os 15 e os 29 anos e destacamos um conjunto de questões que emergem como particularmente relevantes porque relacionadas com as intenções futuras de residir, permanecer ou sair do concelho de Évora, bem como as características que se revelaram potenciadoras de uma menor satisfação com a vida por parte dos jovens.

No conjunto dos jovens inquiridos com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos, metade dos que residem fora do concelho de Évora estão dispostos, num futuro próximo, a residir de forma permanente no concelho. Nestes podemos observar uma maior predisposição em residir de forma permanente no concelho entre os jovens com 20 e 21 anos.

Mais de 2 em cada 3 jovens que residem no concelho de Évora equacionam sair, sendo essa intenção superior na faixa etária entre os 20 e os 22 anos, registando-se uma tendência para diminuir até aos 27 anos e um aumento a partir dessa idade. Nestes jovens são os do sexo feminino que mais equacionam deixar de residir no concelho, registando-se a maior diferença na classe etária dos 20 aos 24 anos.

Com base nas últimas estimativas do INE para o número de jovens entre os 15 e os 29 anos que residem no concelho de Évora, e admitindo a representatividade da amostra considerada neste estudo, podemos prever que mais de 5000 jovens equacionam deixar de residir de forma permanente no concelho.

Se considerarmos apenas os estudantes na Universidade de Évora, entre os 18 e os 23 anos, e admitindo como representativa a subamostra obtida desta população, podemos prever que serão mais os estudantes a residir fora do concelho que estão dispostos a residir de forma permanente no concelho do que os estudantes que residem no concelho que equacionam sair, estimando-se um saldo positivo de mais de 1000 jovens.

O desejo de nos próximos 10-15 anos ser feliz na vida, ter saúde e ter um trabalho estável, permanece constante com a idade, sendo comum a praticamente todos os jovens. Já o desejo de nos próximos 10-15 anos querer muito comprar automóvel, comprar casa, conseguir um grau académico e ganhar muito dinheiro tem tendência a diminuir com a idade, enquanto o desejo de ter filhos, casar e ser reconhecido profissionalmente tem tendência a aumentar gradualmente com a idade, registando uma diminuição na classe etária entre os 26 e os 29 anos. Finalmente, é entre os jovens mais velhos que há uma maior percentagem dos que desejam muito viver de forma independente e ter uma relação estável, por oposição aos jovens mais novos para os quais é menor o desejo de passar por estas experiências.

Considerando apenas as variáveis comuns aos jovens entre os 15 e os 29 anos de idade, podemos definir o perfil que maximiza a probabilidade de um jovem residente no concelho de Évora equacionar deixar de aí residir: sexo feminino, residente numa das freguesias da cidade, cuja mãe tem habilitações ao nível do ensino superior, que no último ano boicotou determinados produtos, que nos tempos livres gosta muito de ver séries no computador e pouco ou nada de estar com a família, que pelo menos duas vezes já tomou em excesso medicamentos sem receita médica e fez pelo menos duas vezes uma dieta drástica para emagrecer, que já consumiu álcool em excesso ficando incapaz de ir às aulas/trabalho no dia seguinte e que teme muito não ser reconhecido profissionalmente nos próximos 10-15 anos. De entre as características não comuns, realce-se que não trabalhar a tempo inteiro, estudar no ensino superior, buscar informação dirigida nos espaços/redes sociais e pertencer a uma associação/núcleo de estudantes são fatores individualmente potenciadores para um jovem equacionar deixar de residir no concelho de Évora.

Ainda considerando apenas as variáveis comuns, podemos também definir o perfil que maximiza a probabilidade de um jovem não residente no concelho de Évora estar disposto a aí residir: mais velho, nos tempos livres gosta muito de jogar às cartas e de estar com a família, frequenta bibliotecas, decide sozinho(a) a escolha do parceiro(a) e deseja pouco ou nada ganhar muito dinheiro nos próximos 10-15 anos. De entre as características não comuns, saliente-se que a prática regular de *fitness*/aeróbica, pertencer a uma associação/núcleo de estudantes, não pertencer um clube desportivo e ser membro dos corpos sociais de uma associação/organização/clube são fatores individualmente potenciadores de um jovem residente fora do concelho estar disposto a vir a residir no concelho de Évora.

Vários são os fatores que aumentam o grau de insatisfação dos jovens com a vida, podendo destacar-se os seguintes: pensão ou o rendimento social de inserção ser a principal fonte de rendimento do agregado familiar; os rendimentos próprios (rendas, empresas, juros) não serem a principal fonte de rendimento do agregado familiar; não sentir que pertence a alguma religião; residir numa freguesia rural do concelho de Évora há menos de 1 ano; estudar no ensino superior; autoavaliar o seu desempenho enquanto estudante ou enquanto trabalhador como bom ou inferior; considerar que é necessário aumentar a sua motivação pessoal para melhorar o seu desempenho enquanto estudante; sentir que já foi tratado de forma negativa em contexto escolar ou em contexto profissional relativamente às características físicas, à escolaridade, à forma de vestir ou à condição económica; estar desempregado ou à procura do 1º emprego; não estar a trabalhar no sector público nem por conta própria; começar a trabalhar ou a procurar emprego pela primeira vez numa idade mais tardia; demorar mais de 1 ano à procura de emprego; considerar que o excesso de habilitações académicas, falta de empregos na região, falta de experiência profissional e falta de preparação pessoal são as razões para o tempo que demorou à procura do 1º emprego ou para estar na situação atual; auferir até 1 salário mínimo nacional de rendimento líquido; gostar pouco de estar com os amigos, de namorar, de estar com a família e de praticar atividade desportiva e gostar muito de estar sozinho(a) nos tempos livres; autoavaliar o aproveitamento que faz dos tempos livres como bom ou inferior; não pertencer a uma associação/organização/clube, não costumar votar por achar que não vale a pena; ter consumido drogas ilícitas ou ter tomado em excesso medicamentos sem receita médica pelo menos 2 vezes; consumir de vez em quando canabinoides e derivados; desejar pouco ou nada vir a casar, ser feliz na vida, ter saúde, ter uma relação estável, ter um ou mais filhos ou comprar um automóvel nos próximos 10-15 anos; temer muito o desemprego ou a falta de dinheiro para levar uma vida digna e temer pouco ou nada a morte nos próximos 10-15 anos.

Foram analisadas quantitativamente, com os dados obtidos através do questionário, algumas considerações tecidas nos grupos focais que deram visibilidade a tensões e contradições entre modos e formas de conhecimento sobre os jovens, o que reforça ainda mais a necessidade da existência do diagnóstico que se completa com este terceiro volume.

II. Para um Plano Municipal de Juventude inspirado nos grupos focais: pontos de chegada, lugares de partida

Prescindimos aqui da enunciação das principais linhas de diagnóstico (pontos de chegada) sobre os jovens em Évora, apontadas pelos diversos interlocutores aquando da realização dos grupos focais para, ao invés, nos centrarmos nas pistas aí fornecidas e que nos parecem ser importantes lugares de partida para o Plano Municipal de Juventude de Évora que urge delinear.

No domínio da “Sociabilidade, Práticas, Vivências e Comportamentos de Risco”, a discussão enfatizou as questões que opõem juventude e juventudes, sublinhando a importância do reconhecimento da pluralização dos perfis, contextos e práticas da juventude, apoiada num conhecimento “a partir de dentro” ou “de muito perto”, empiricamente sustentado e não normativo; do reconhecimento da realidade diferenciada dos jovens residentes em freguesias rurais e urbanas e no interior de cada uma dessas realidades; e como um conhecimento a partir de dentro, com base na experiência profissional, parece decisivo para sustentar o reconhecimento dessa pluralidade e diversidade.

Ainda neste domínio, sublinham-se fronteiras, olham-se espelhos e apontam-se os faróis. A forma de lidar com o desencontro entre a juventude, no singular, e as juventudes, no plural, passa por deixar aos jovens o que é dos jovens, isto é, que sejam os jovens a iluminar os caminhos para o futuro. O reconhecimento de uma certa “irreverência” como marca da juventude deve ser colocada a favor dos jovens, quer na afirmação de uma cultura de juventude, quer na definição de caminhos únicos e simultaneamente ajustados às suas realidades e expectativas tendo em vista a mudança do *status quo*.

Perante as interrogações sobre “que futuro?”, é necessário reforçar as expectativas positivas em torno dos futuros possíveis que se apresentam aos jovens, hoje. Este reforço passa por palavras e incentivos,

mas também por ações dirigidas que ofereçam oportunidades de desenvolvimento aos jovens, que afastem os futuros temidos e que explorem a coincidência entre os futuros desejados e os possíveis.

Entre sons e silêncios, é necessário alterar os modos de relação e de trabalho com os jovens, ajustando-os a uma “mudança de paradigma” entre gerações. Há que ouvir, discutir e eventualmente atender os jovens, naquilo que são os seus interesses, gostos e expectativas. É necessário dar atenção ao que os jovens dizem e reivindicam e que, porventura, não está a ser ouvido ou entendido; mas também ao que os jovens não dizem. Em suma, é urgente criar ou aperfeiçoar mecanismos de escuta atenta, como também estimular a participação e o envolvimento dos jovens em contextos que favoreçam a sua participação ativa.

Porque comunicar é dizer e ouvir, não é anunciar, é necessário e urgente construir formas mais eficazes de comunicar com os jovens (e.g. através da música e outras).

Através das palavras e ações há que fazer ver aos jovens a necessidade e relevância do quão importante são as suas vozes e gestos. Eventualmente, é necessária a criação de um espaço especificamente destinado aos jovens.

Para que os saltos possam ser feitos em segurança, há que construir e trabalhar as redes. Há que criar e dinamizar estruturas de apoio, inclusive à família de origem ou de pertença atual, para ajudar à tomada de decisões e à construção de um futuro por parte dos jovens. É importante desenvolver um trabalho ao nível das estruturas de apoio que possa oferecer garantias de perenidade e estabilidade, sem que esteja sujeito a ciclos políticos, mandatos ou a programas de financiamento a curto prazo. É necessário reforçar o trabalho em rede na consolidação de um sentimento de pertença que una os vários elementos do tripé família – pares – instituições e que reforce junto dos jovens a certeza de que não estão sozinhos na tomada de decisões.

E porque é impossível riscar o risco das suas vidas, há que criar formas de escutar os jovens, para que essa escuta seja capitalizada para a prevenção, onde eles possam ser os protagonistas da mudança. A base da prevenção deve ser um alerta permanente e informado para os riscos e que apele à moderação e responsabilidade (e.g. informação sobre os riscos da aquisição *online* de substâncias, segurança rodoviária, programa “Escola Segura”). É também importante uma sensibilização de proximidade a adotar na prevenção para os comportamentos de risco a desenvolver com os jovens.

No que respeita ao “Ensino e Educação”, a resposta às questões “as escolas são todas iguais?”, “os alunos são todos diferentes?” encontra eco na necessidade de um trabalho em rede, em que a escola necessariamente deve trabalhar em articulação com as instituições e os serviços que a rodeiam, tendo em vista encontrar e agilizar respostas que permitam lidar com a diferença inerente aos alunos (e.g. saúde mental, *bullying*). A colaboração interinstitucional é fundamental para complementar ou colmatar as limitações da escola no modo como trata a diferença, pois os alunos não pertencem exclusivamente às escolas e, além disso, têm uma biografia que os liga a pessoas e contextos específicos. É necessário um maior investimento ao nível da formação dos recursos humanos no interior das escolas, não apenas docentes. Investir na formação contínua das pessoas, particularmente dos colaboradores não docentes, é prepará-las para lidar com a diversidade, apresentando-lhes as ferramentas ajustadas às diferentes realidades que enfrentam no quotidiano escolar.

Perante a pressão para o sucesso e a escassez de tempo, há que olhar simultaneamente ao centro e às margens. É importante criar uma ligação forte entre os alunos e a escola. Trata-se de consolidar uma cultura de escola que lhes permita “estar bem” e ter um “bom ambiente”, o qual ir-se-á refletir nas aprendizagens e conseqüentemente no sucesso, muito embora esse sucesso seja necessariamente ajustado à motivação, expectativas e aprendizagens de cada um. É necessário criar junto de alunos e respetivas famílias representações e expectativas realistas em torno da escola e da condição de aluno, baseadas numa comunicação eficaz e credível. É importante destruir mitos e evitar ações e afirmações que imbricadas num contexto social, político e económico específico possam contribuir para a

reprodução de ideias erradas ou demasiado generalistas em torno das reais possibilidades e limites da escola.

A constatação da representação social que “aprender é uma seca” apela à importância de criar espaços complementares à aprendizagem em sala de aula, eventualmente não formais, mas que se apresentem aos jovens na contiguidade com a escola. A escola deve criar as condições para que os alunos possam cruzar as portas da sala de aula e abrir janelas à comunidade e à cidade em que estão inseridos. Deve estimular-se a curiosidade e tirar partido da cidade como elemento educador, encontrando nos seus múltiplos contextos e organizações espaços potenciadores de uma aprendizagem diversa e criativa. Também a universidade tem de se aproximar mais da cidade e vice-versa.

Face a uma representação social paralela de que “ensinar é uma obrigação”, urge aproximar os contextos educativos da realidade, ora através da exploração de “fenómenos de proximidade”; ora por meio da ênfase nas “aprendizagens significativas”. É necessário mudar para facilitar a integração de saberes e competências, aspeto que permite “potenciar fatores de sucesso” entre os alunos.

Há que sublinhar a importância da escola e a necessidade de “preservar uma visão positiva da escola”; a escola deve ser apresentada aos alunos como um espaço de criatividade e crescimento. O papel desempenhado pelos professores e pelas equipas pedagógicas é fundamental; há que apostar na diversidade dos métodos e da oferta educativa, sob pena de estrangular o potencial de criatividade suscitado pela diversidade pedagógica e disciplinar. Em suma, há que encontrar novas/diferentes formas de combinação entre aprendizagens formais e informais, hard e soft skills, indo assim ao encontro de uma visão humanista e, por isso, em consonância com o perfil desejado para o aluno do século XXI.

Perante as imagens contraditórias sobre a juventude em contexto escolar, há que promover e apoiar a realização de experiências consideradas importantes e gratificantes para os jovens a partir do seu [deles] ponto de vista; incentivar e apoiar a dinamização de ambientes de criatividade, capazes de levar a uma reação positiva e participada dos jovens, estimulada por fenómenos de proximidade.

Em face do desejo de muitos jovens de saírem do concelho, há que olhar não apenas aos muros mas também às janelas que essas experiências podem significar. É necessário enriquecer e fortalecer o trabalho que tem vindo a ser desempenhado pela autarquia com os jovens do concelho ao longo dos anos. Há que trabalhar a cultura da escola como uma ferramenta para fazer a ligação dos estudantes ao território e à comunidade envolvente. É necessário comunicar melhor aquilo que somos, tanto enquanto universidade como enquanto cidade para viver ou trabalhar, sobretudo para os jovens que equacionam sair no final do secundário, ou aquando da conclusão do ensino superior. Há que trabalhar e comunicar aos jovens os valores de ligação afetiva à cidade e ao concelho de Évora, o sentimento de pertença ao lugar, a qualidade de vida e o bem-estar passível de aqui ser encontrado no sentido de abrir perspetivas para os futuros que se lhes apresentam como possíveis.

Por último, no âmbito das questões relacionadas com “Trabalho, Emprego e Autonomia”, urge definir claramente entre jovens e não jovens o que se entende por precariedade e qual o lugar desta condição naquilo que são as trajetórias de vida dos jovens, ao momento ou em retrospectiva. Mais do que falar exclusivamente de precariedade, importa olhar aos obstáculos à estabilidade, isto é, a situação ou conjunto de situações inibidoras da concretização de desejos que permitam aos jovens “ver o amanhã”. Por esta razão, é necessário inculcar nos jovens, eventualmente desde a infância, que as oportunidades de trabalho e de realização pessoal devem ser co-construídas a partir do desenvolvimento de ideias e da reinvenção permanente de projetos de vida.

Constatados alguns desencontros entre procura e oferta na educação, parece fundamental a oferta, por parte da universidade, de cursos breves, não de qualificação mas de certificação, dando resposta a exigências muito particulares do mercado de trabalho. É importante que os diversos agentes

educativos estejam atentos à mudança e possam antecipar prospectivamente o futuro tendo em vista evitar a saída de jovens e garantir, eventualmente, a captação de outros (e.g. necessidade de assegurar formação na área da hotelaria ou medicina).

Já perante a constatação de (outros) desencontros entre oferta e procura no trabalho, as pistas avançadas são várias. Para fora, a autarquia deve tornar a cidade mais atrativa, criando as condições para atrair investimento e fixar empresas no concelho. Para dentro, é fundamental divulgar o que existe, promover a cidade e a região, as suas instituições e a inter-relação entre ambas. É necessário trabalhar e melhorar a ligação às empresas, desde cedo, inclusive com os ainda estudantes universitários, para uma compreensão mais próxima das reais oportunidades que o concelho oferece e criar alternativas a uma divulgação que muitas vezes parece não chegar a todos. Deve haver uma maior aproximação entre a autarquia e os jovens que permita divulgar oportunidades e trabalhar de modo colaborativo com outras instituições ou organizações concelhias (e.g. através de uma maior presença nas redes sociais, expansão e aprofundamento, por freguesia, do trabalho já desenvolvido pela autarquia através do Ponto Jovem). É também importante desenvolver ações de apoio aos jovens em termos de capacitação para desenvolver as suas próprias ideias e projetos de emprego.

Porque alguns jovens demonstram intenção de sair do concelho num futuro próximo, é necessário divulgar de forma mais ampla e assertiva o alargamento recente do tecido empresarial, o aumento do emprego e de novas oportunidades de trabalho. Ao mesmo tempo, é importante dar a conhecer um conjunto de empresas de renome sediadas no concelho e projetos de dimensão concluídos ou em construção que criaram vários postos de trabalho e continuam constantemente a recrutar um número considerável de trabalhadores em diversas áreas.

Porque alguns outros jovens demonstram intenção de ficar ou de regressar ao concelho após um período fora, é importante trabalhar o sentimento de pertença ao lugar, à “terra mãe”; melhorar um conjunto de espaços na cidade para que quem está queira ficar ou regressar; e apostar simultaneamente nos jovens e nos idosos para aproximar as pessoas das oportunidades internas e, simultaneamente da autarquia.

Finalmente, porque alguns jovens quererão viver em definitivo no concelho, é importante trabalhar alternativas à compra de habitação, nomeadamente investir numa política de arrendamento, direcionada especificamente aos jovens. Tal política de arrendamento deve ser ajustada às várias fases e projetos de vida e às muitas juventudes que neles se entrecruzam.

FICHA TÉCNICA

A população considerada relevante para a recolha de dados foi definida como o conjunto de jovens com idade entre os 15 e os 29 anos a residir, estudar ou trabalhar no concelho de Évora à data do inquérito. Para os jovens a estudar no ensino secundário a amostra foi selecionada de uma base de amostragem constituída pelas turmas do ensino secundário das escolas do concelho de Évora. Considerou-se um esquema de amostragem probabilístico multietápico, em que em cada uma das escolas secundárias, para cada um dos anos de escolaridade foram selecionadas turmas de forma aleatória e na última etapa foram selecionados todos os jovens destas turmas. Relativamente aos restantes jovens que residem, estudam (mas não no ensino secundário) ou trabalham no concelho de Évora a amostra foi auto selecionada (não aleatória), ou seja, foram os jovens que decidiram se seriam ou não incluídos na amostra ao responderem de forma voluntária ao questionário disponível *online* ou ao questionário distribuído em versão papel.

Foram validados para análise final 1412 inquéritos, dos quais 674 correspondem a alunos do ensino secundário e 738 a jovens que não estudam no ensino secundário com idade compreendida entre os 18 e 29 anos.

No quadro de implementação de uma metodologia mista, a terceira e última fase de elaboração do diagnóstico juvenil do concelho de Évora compreendeu a realização de grupos focais especificamente orientados para a discussão aprofundada dos temas em estudo, agregadores de um total de 25 representantes de diversas categorias sociais, instituições e organizações de maior ou menor visibilidade pública com responsabilidades e intervenção direta ao nível da juventude.

A equipa de investigação:

Paulo Infante [DMAT/CIMA], Rosalina Pisco Costa [DSOC/CICS.NOVA.UÉvora], Anabela Afonso [DMAT/CIMA], Gonçalo Jacinto [DMAT/CIMA], José Conde [CME/DJD] e Luísa Policarpo [CME/DJD].